

# CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS SOBRE GEOGRAFIA CULTURAL: A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE CULTURA

Jessica Nene CAETANO<sup>1</sup>

Meri Lourdes BEZZI<sup>2</sup>

## Resumo

A ciência geográfica, ao reconhecer a cultura como uma de suas temáticas centrais, encontrou respostas para os questionamentos vinculados à organização socioespacial. A Geografia Cultural, uma tendência renovada a partir da década de 1970, estuda os fenômenos geográficos com um olhar crítico, influenciada, também, pela evolução do conceito de cultura promovida por antropólogos, sociólogos e outros cientistas desse período, entre eles, Herbert Hoggart, Raymond Williams, Edward Thompson e Stuart Hall. Desse modo, enfatiza-se, ainda, a contribuição de Friedrich Ratzel, Paul Vidal de La Blache e Carl Sauer para a introdução da temática cultural nos estudos geográficos. Nessa perspectiva, o presente estudo visa destacar as reformulações do conceito de cultura e a evolução da Geografia Cultural como tendência científica atrelada à análise das questões sociais contemporâneas.

**Palavras-chave:** Cultura. Geografia Cultural. Identidade.

## Abstract

### Theoretical contributions about cultural geography: The evolution of the concept of culture

The geographical science, by recognizing culture as one of his central themes, found answers to questions related to sociospatial organization. The Cultural Geography, a trend renewed from the 1970s, studies the geographic phenomena with a critical eye, influenced, also, by the evolution of the concept of culture promoted by anthropologists, sociologists and other scientists of that period, among them, Herbert Hoggart, Raymond Williams, Edward Thompson and Stuart Hall. Thus, it is also emphasized the contribution of Friedrich Ratzel, Paul Vidal de la Blache and Carl Sauer to the introduction of cultural themes in geographical studies. From this perspective, this study aims to highlight the changes in the concept of culture and the development of Cultural Geography as a scientific trend linked to the analysis of contemporary social issues.

**Key words:** Culture. Cultural Geography. Identity.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, bolsista CAPES. Integrante do Núcleo de Estudos Regionais e Agrários (NERA), Universidade Federal de Santa Maria. Endereço: Travesseira Tenente Natálio Sanches Fernandes, 20, Ap. 301, Santa Maria, RS, 97010-500. E-mail: sicaetano@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professora Doutora do Departamento de Geociências, Núcleo de Estudos Regionais e Agrários (NERA), Universidade Federal de Santa Maria/ UFSM. Endereço: Rua Euclides da Cunha, Residencial Tássia 1617/ Apto. 902 A, Bairro Nossa Senhora das Dores, Santa Maria-RS, CEP- 97090-000. E-mail: meribeZZI@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é resgatar a evolução da Geografia Cultural e do conceito de cultura, resultado da influência de outras ciências, como a Antropologia e a Sociologia que, ao debaterem questões da vivência cotidiana, ofereceram a essa tendência geográfica, um olhar crítico, voltado para os problemas sociais contemporâneos.

Este debate, fundamentado na contribuição de diversos autores, demonstra que a Geografia Cultural, assim como a noção de cultura, passou por transformações importantes na sua evolução, tendo como pilares teóricos, Friedrich Ratzel, Carl Sauer e Paul Vidal de La Blache. Nessa perspectiva, o presente estudo procura contribuir teoricamente para o estudo da cultura na Geografia e demais Ciências Sociais e Humanas.

## A CENTRALIDADE DOS ESTUDOS CULTURAIS EM GEOGRAFIA

### *A Geografia Cultural e suas transformações*

A Geografia Cultural, como importante tendência da ciência geográfica centraliza em seus estudos a organização do espaço promovida pela cultura, materializada e/ou imaterializada pelos códigos culturais. Para Mikesell (2000, p. 88) "O crescimento da geografia cultural é cumulativo e não aditivo. É obtido basicamente por meio da comparação intercultural, verificação histórica e ampliação da investigação de áreas menores para áreas maiores".

Nascida na Europa, com um impulso particularmente forte na Alemanha e na França, a geografia cultural tem uma trajetória de pouco mais de um século. Como ocorre em qualquer ciência, as mudanças em seu percurso foram motivadas tanto por forças internas quanto externas (CORRÊA; ROSENDAHL, 2000, p. 9).

A questão cultural, como objeto de estudo da Geografia, apresenta ampla variedade de temas abordados nas pesquisas brasileiras, pois o Brasil possui uma grande diversidade cultural devido à sua formação étnica heterogênea. Dessa forma, o atual desafio dos estudos culturais configura-se na relação entre cultura e globalização, fenômeno mundial capaz de promover maior intercâmbio entre as culturas e minimizar as características originais da cultura dos grupos sociais.

Essa vertente de pesquisa passou por importantes desenvolvimentos de uns dez anos para cá. Os trabalhos podem incidir sobre a maneira com que o espaço urbano – o das cidades ocidentais, mas também o das megalópoles do Sul – é apropriado, funciona como um recurso ou um *déficit* para grupos étnicos, para categorias de idade. Eles incidem também sobre a maneira com que a terceirização dos empregos, a desvitalização das indústrias tradicionais, a gentrificação dos centros urbanos recompõem as sociabilidades, afetam os estilos de vida. É também nesse horizonte que se inscreve parte dos trabalhos mais inovadores (MATTELART; NEVEU, 2004, p.192).

É importante ressaltar que a evolução da Geografia Cultural está atrelada aos estudos de três autores, os quais podem ser considerados pilares para o desenvolvimento dos estudos culturais na ciência geográfica: Friedrich Ratzel (1844 – 1904), Paul Vidal de La Blache (1845 – 1918) e Carl Sauer (1889 – 1975) e, de acordo com Wagner; Mikesell (2007, p. 28) "[...] cinco temas implícitos - cultura, área cultural, paisagem cultural, história da cultura e ecologia cultural – constituem juntos, o núcleo da Geografia Cultural".

A Geografia Cultural alemã tem como principal estudioso, Friedrich Ratzel. No período entre 1882 a 1891, Ratzel escreve sua obra de grande expressão denominada de "Antropogeografia". Nela o autor identifica e caracteriza as áreas habitadas pelos homens, mapeando-as, bem como destaca os fatores que levam a distribuição dos homens no espaço, além de enfatizar a ação da natureza sobre o homem. A esse respeito, observa-se que

Friedrich Ratzel, em sua *Antropogeographie* edificou a base conceitual na qual se tem estruturado desde então a geografia humana em seu sentido restrito: um conjunto de categorias do meio físico – ordenadas a partir de conceitos abstratos de posição e espaço até os de clima e litoral – e sua influência sobre o homem. Apenas com este trabalho ele se converteu no grande apóstolo do ambientalismo e seus seguidores desconsideraram em muito os seus estudos culturais posteriores, nos quais se referia à mobilidade populacional, às condições de assentamento humano e à difusão da cultura através das vias principais de comunicação (SAUER, 2007, p. 20).

Nesse sentido, pode-se afirmar que Ratzel desenvolveu seus estudos com olhar determinista. Para ele, os povos primitivos ou *naturvölker* ainda não tinham recursos para se defenderem da natureza. Já os *kulturvölker* eram, para Ratzel, os povos civilizados e, portanto, já apresentavam ferramentas e técnicas mais elaboradas para se defenderem das adversidades da natureza. Destaca-se que Ratzel salientou, também, o papel das migrações em seus estudos culturais reforçando a ação do meio ambiente como elemento chave para as migrações de determinado grupo de um local e fixação em outro. A cultura para esse autor era estudada segundo os aspectos materiais, ou seja, os instrumentos e artefatos elaborados e utilizados pelo homem no espaço.

Enfatizando a contribuição da Geografia Cultural norte americana para a gênese e evolução dessa tendência da ciência geográfica, salienta-se o importante papel de Carl Sauer para o estudo cultural na Geografia.

Foi nos Estados Unidos, contudo, que a geografia cultural ganhou plena identidade, graças à obra de Carl Sauer e de seus discípulos, primeiramente em Berkeley e, em breve, dispersos por várias universidades. A denominada Escola de Berkeley (1925 – 1975) desempenhou papel fundamental na geografia cultural [...] (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p.10).

Sauer teve grande influência do pensamento geográfico da Alemanha e, por isso, destacou em suas pesquisas as paisagens agrícolas, as civilizações primitivas como a pré-colombiana, as populações indígenas do Sudeste Norte-Americano e do México.

O desenvolvimento da geografia cultural procede necessariamente da reconstrução das sucessivas culturas de uma área, começando pela cultura original e continuando até o presente. O trabalho mais rigoroso realizado até a presente data se refere menos às áreas culturais atuais do que às anteriores, já que estas constituem o fundamento do presente e sua combinação fornece a única base de uma visão dinâmica da área cultural. Se a geografia cultural, engendrada pela geomorfologia, tem um atributo fixo, este é precisamente a orientação evolucionista do tema (SAUER, 2007, p. 23).

Nesse contexto, o referido autor se destaca por inserir nos estudos culturais maior preocupação ecológica, criticando as civilizações modernas, pautadas na relação distante com os elementos da natureza. Sauer entende que os grupos culturais se relacionam entre si e, também, com o lugar no qual vivem, configurando as diferentes paisagens da Terra. A

cultura, para ele, impõe marcas na paisagem as quais se perpetuam no decorrer do tempo constituindo-se nos signos culturais de determinado grupo social.

Salienta-se que Sauer, em 1922, torna-se professor titular da Universidade da Califórnia em Berkeley. A Escola de Berkeley contribuiu de maneira significativa para os estudos de Geografia Cultural, tendo em Sauer o grande representante das pesquisas inseridas nessa tendência geográfica. O autor fez parte dessa escola até 1957, definindo a Geografia Cultural como

[...] um programa que está integrado com o objetivo geral da geografia, isto é, um entendimento da diferenciação da Terra em áreas. Continua sendo, em grande parte, observação direta de campo baseada na técnica de análise morfológica desenvolvida em primeiro lugar na geografia física. Seu método é evolutivo, especificamente histórico até onde a documentação permite e, por conseguinte, trata de determinar as sucessões de cultura que ocorrem numa área.[...] Os problemas principais da geografia cultural consistirão no descobrimento do conteúdo e significado dos agregados geográficos que reconhecemos, de forma imprecisa, como áreas culturais, em estabelecer quais são as etapas normais de seu desenvolvimento, em investigar as fases de apogeu e de decadência e, desta forma, alcançar um conhecimento mais preciso da relação da cultura e dos recursos que são postos à sua disposição (SAUER, 2007, p. 25).

Outra importante vertente da Geografia Cultural foi desenvolvida na França, a qual teve nos estudos de Paul Vidal de La Blache grande representatividade, principalmente por valorizar as relações entre os grupos humanos e o meio ambiente habitado pelos mesmos.

La Blache acreditava que a adaptação do homem às condições impostas pela natureza gerava o modo de vida, ou seja, o hábito de um determinado grupo cultural e a elaboração das técnicas desse grupo. Para o autor a cultura era, portanto, a união entre a força das práticas comuns de uma cultura e a inovação de suas ferramentas e técnicas, capazes de transformar o meio de vivência dessa população.

O geógrafo cultural não está preocupado em explicar o funcionamento interno da cultura nem em descrever completamente padrões de comportamento humano, mesmo quando afetam a superfície da Terra, mas em avaliar o potencial técnico de comunidades humanas para usar e modificar seus *habitats*. Para realizar tal avaliação, a geografia cultural estuda a distribuição, no tempo e no espaço, de culturas e elementos das culturas (WAGNER; MIKESELL, 2007, p. 31).

Considerando a expressiva participação de autores franceses para o desenvolvimento da temática cultural na ciência geográfica, evidencia-se, não apenas, a colaboração de La Blache, mas de outros autores como Albert Demangeon (1872 – 1940), Jean Gottmann (1917 – 1995), Jean Brunhes (1869 – 1930) e Pierre Deffontaine (1894 – 1978).

Destacando brevemente a perspectiva de estudo dos referidos autores, enfatiza-se, ainda, que La Blache defendia que as culturas deveriam se adaptar ao meio, adotando um modo de vida e um gênero de vida.

[...] O gênero de vida aparecia como um conjunto de técnicas e hábitos. A adaptação de um grupo humano a um meio ambiente específico dependia: I – das técnicas produtivas e da possibilidade de inventar novas técnicas; II – das técnicas de transporte e da possibilidade de desenvolver trocas com grupos vivendo em outros meios ambientes e III – dos hábitos do grupo. [...] A cultura

estava presente na obra de Vidal de La Blache, com uma dupla face: a da técnica, com as possibilidades de inovação (daí o possibilismo vidaliano) e o da força do hábito, que aparecia como o maior fator de inércia dos grupos humanos (CLAVAL, 2007, p.149 - 150).

Outra contribuição significativa da Escola Francesa foi a de inserção da perspectiva histórica nos estudos de Geografia Cultural, enfatizando a evolução dos objetos geográficos e explorando os marcos temporais dos acontecimentos geográficos. Assim, essa dimensão histórica valoriza a paisagem rural e a cultura local pode ser evidenciada tanto nas esferas local/particular, quanto racional/universal. Dois autores franceses se destacaram ao desenvolver essa perspectiva de estudo, como Roger Dion (1896 - 1981) e Xavier de Planhol (1926 -) (CLAVAL, 1999).

A participação do historiador Eric Dardel (1900 - 1968) para a Geografia Cultural, também foi fundamental. Armand Frémont (1933 -) ao vivenciar o período de queda e ascensão da Geografia Cultural francesa, impôs aos seus estudos a ênfase para o espaço vivido e para a utilização dos sentidos humanos na discussão acerca da ciência geográfica, influenciando outros geógrafos, como Jöel Bonnemaïson (1940 - 1998), Augustin Berque (1940 -) e Jean Robert Pitte (1949 -).

O pós Segunda Guerra Mundial marcou o período de críticas à Geografia Cultural. Nessa época, poucas pesquisas inseridas na tendência cultural dos estudos geográficos foram desenvolvidas, pois o destaque para a dimensão material da cultura, o conceito de cultura adotado na época, ou seja, essa noção compreendida como algo externo ao indivíduo não acompanhava as mudanças em escala global.

O interesse pelo campo da geografia cultural renovou-se na década de 1970, com o surgimento de diversas novas perspectivas. Em 1978, Cosgrove previa a cooperação vantajosa entre a geografia cultural humanista e a geografia social marxista, "através de uma investigação sobre o mundo do homem e as geografias da mente" (COSGROVE; JACKSON 2000, p.15).

Neste contexto, após um período de reformulação da Geografia Cultural, em 1970 essa tendência da Geografia se renova, divulgando suas principais pesquisas em periódicos como *Geographie et cultures*, de origem francesa criado em 1992, *Ecumene*, de origem inglesa, criado em 1994 e *Espaço e Cultura*, periódico brasileiro criado em 1995.

O processo de renovação se fez no contexto de valorização da cultura; a denominada "virada cultural". Na década de 1980, um conjunto de mudanças em escala mundial ressalta a dimensão cultural dos processos em ação. Mitchell (2000) aponta essas mudanças, das quais indicaremos algumas: as mudanças na esfera econômica, o fim da denominada Guerra Fria, a ampliação dos fluxos migratórios da periferia para os países centrais, o movimento ecológico, novas formas de ativismo social e a crescente consciência da necessidade de novos modos de se construir e entender a realidade, até então calcada no racionalismo moderno, no raciocínio científico e na celebração da técnica (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p.12).

Desse modo, com o *cultural turn* ocorreu

Sob a influência dos estudos culturais britânicos [...], cada vez mais comum nas ciências sociais (Philo, 1991). Muitos desses recrutados britânicos não são familiarizados com a geografia cultural americana tradicional. [...] Em conseqüência, concentram-se, de forma teórica, metodológica e empírica, em debater com outros membros da

geração mais jovem, considerados a velha-guarda da vanguarda (DUNCAN, 2000, p.62).

Essa "virada cultural" se tornou relevante nos estudos culturais de Geografia e em outras Ciências Sociais. A noção de cultura ganhou amplo espaço, inclusive, na compreensão dessa ideia ligada ao senso comum. Assim, a renovação dos estudos culturais da Geografia, de acordo com Mondana; Söderström (2004, p. 134) "[...] permitiu que a geografia cultural analisasse e compreendesse melhor, de um lado, as relações entre cultura, espaço e sociedade e, de outro, as condições de produção do saber geográfico".

Refletindo acerca da imaginação na vertente cultural da Geografia e resgatando o artigo de Cosgrove (2000), intitulado "Mundos de Significados: Geografia Cultural e Imaginação", compreende-se que este autor considera a imaginação como uma categoria chave para a Geografia Cultural, pois ela interpreta de forma crítica as transformações do espaço geográfico. A preocupação de Cosgrove se insere na "nova" geografia cultural que tem como termo-chave "significado" ao analisar os aspectos culturais de um grupo.

Ao enfatizarmos a imaginação como elemento central no trabalho de geografia cultural, pretendemos abordar mais do que aqueles elementos resultantes das relações entre o homem e o mundo natural.[...] É a imaginação que metamorfoseia a comunidade humana e o ambiente natural em uma significativa unidade de espaço (COSGROVE, 2000, p. 36 -37).

Cosgrove (2000) evidencia, também, que

Se o significado é a criação da imaginação, fica difícil atribuir-lhe autoridade fundamental: o significado do mundo está realmente aberto a elaborações, desafios e representações sem fim. Tal polivocalismo fica cada vez mais evidente nas sociedades modernas, sobretudo em locais metropolitanos habitados por populações altamente móveis e de diferentes etnias, línguas, religiões e estilos de vida, ou de outros indicadores convencionais de cultura. As vozes que, no passado, foram definidas como "outras" pelo discurso universalizante da cultura euro-americana de classe média, masculina e de cor branca – definição que dominou durante muito tempo os textos da geografia cultural – demandam agora um público para suas próprias construções imaginativas do significado do mundo (COSGROVE, 2000, p. 56).

Pode-se dizer, então, que a imaginação é definida como

[...] aquilo que dá significado ao mundo, pois é por meio dela que o ser humano inicialmente realiza as transformações que condicionam sua existência na natureza. A imaginação não resulta apenas dos sentidos nem apenas do intelecto, e seu papel não se vincula puramente à produção nem à reprodução social. Através de metáforas, a imaginação atribui novos significados aos diversos aspectos naturais e sociais da realidade (CORRÊA; ROSENDAHL, 2000, p. 12).

Salienta-se que, também a partir da década de 1970, foi valorizada a perspectiva cultural nos estudos sobre Geografia Urbana. Esse período marca a grande urbanização da sociedade, bem como maior avanço do contato entre diferentes grupos culturais, possibilitando o desenvolvimento de várias pesquisas acerca da dimensão cultural do urbano.

A cidade, por exemplo, passa a ser vista, parafraseando Berque (1998), como marca e, simultaneamente, como matriz cultural, ou no dizer de Duncan (1990), como um texto no qual se lêem a sociedade e suas múltiplas interpretações da paisagem urbana. A in-

corporação do urbano à geografia cultural foi paralela à redefinição desta última. Nessa redefinição, a geografia cultural passa a ser epistemologicamente plural, uma heterotopia epistemológica (Duncan, 2000), na qual se combinam desigualmente diferentes matrizes, oriundas da tradição geográfica *saueriana* e *vidaliana*, das filosofias do significado e sua associada geografia humanista e da geografia social inglesa, de acordo com Jackson (1989), fortemente influenciada pelo materialismo histórico contido no pensamento de Raymond Williams e dos membros do Centre for Contemporary Cultural Studies de Birmingham (CORRÊA, 2007, p.168).

Com a ascensão da Geografia Cultural Humanista e a Geografia Social Marxista houve a manifestação de uma "nova geografia cultural", caracterizada como

[...] contemporânea e histórica (mas sempre contextualizada e apoiada na teoria); social e espacial (mas não reduzida a aspectos da paisagem definidos de forma restrita); urbana e rural; atenta à natureza contingente da cultura, às ideologias dominantes e às formas de resistência. Para essa "nova" geografia a cultura não é uma categoria residual, mas o meio pelo qual a mudança social é experienciada, contestada e constituída (COSGROVE; JACKSON, 2007, p.136).

Nesse sentido, a abordagem cultural reconstruiu a Geografia Humana, que gera novas perspectivas, como aquelas atreladas ao comportamento humano, etnogeografias e geografias que tratam das características regionais. Até a década de 1970, não havia uma Geografia Humana embasada pela cultura, porém, nos dias de hoje, há um encaminhamento dessa ligação.

[...] Muitos foram os geógrafos franceses, desde o fim do século XIX, que estavam conscientes da necessidade de dar uma dimensão cultural à geografia humana. As suas contribuições essenciais foram as seguintes: I – a primeira geração já sublinhava o papel do gênero de vida e de suas componentes mais importantes, as técnicas e a força do hábito; II – ela sublinhava também, desde os anos vinte, o papel das representações, e mais especialmente, das representações simbólicas na organização do espaço; III – ela sublinhava o significado dos fatores etnográficos na diferenciação das paisagens; IV – os geógrafos com uma orientação histórica, da metade do século XX, demonstravam que os fatores culturais tiveram um papel mais importante que os fatores naturais na explicação de muitas distribuições geográficas; V – nos anos sessenta, os geógrafos franceses exploravam perspectivas novas; o espaço vivido, o papel dos sentidos e das representações aparecem hoje como orientações muito fecundas; VI – hoje, os geógrafos franceses trabalham intensamente na reconstrução da geografia humana sobre uma base cultural (CLAVAL, 2007, p. 164).

No que se refere aos estudos de Geografia Cultural no Brasil, destaca-se que essa tendência geográfica ganhou grande espaço a partir da década de 1990 e logo apresentou expressividade pela heterogeneidade cultural brasileira, resultado do povoamento e colonização diversificados no país.

Nesse contexto, salienta-se a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 1993, e posterior criação de seu periódico *Espaço e Cultura*, em 1995. Os autores Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl são os responsáveis pelos referidos Núcleo de Estudos e periódico, representando papel relevante nos estudos culturais do Brasil.

### *O conceito de cultura e sua evolução*

No que diz respeito à evolução do conceito de cultura na Geografia Cultural, destaca-se, primeiramente, a origem dessa palavra. Oriunda do latim, *cultura* significa cuidado direcionado ao campo e ao gado, surgindo no final do século XIII, para caracterizar uma porção de terra utilizada para cultivo.

Pouco se ganha ao se tentar uma definição precisa de cultura. Fazê-lo implica sua redução a uma categoria objetiva, negando sua subjetividade essencial. Nenhum grupo humano considera seu mundo vivido como uma produção cultural, exceto a burguesia ocidental que criou o conceito de cultura, conforme Sahlins (1976). A palavra é ideológica (COSGROVE, 2007, p. 103).

Nessa perspectiva, enfatiza-se, também, que

O conceito de cultura, em termos de crenças e valores partilhados por um grupo humano, emerge somente com o reconhecimento de sistemas de crenças e valores alternativos, e sob, a motivação de um estudo "desinteressado". Nas sociedades modernas, isto tem levado ao reconhecimento cada vez maior da relatividade das verdades culturais. Concomitantemente a esse relativismo, surgiu o interesse em submeter as culturas modernas à análise crítica e o reconhecimento de que elas são compostas de uma pluralidade de vozes que constroem, de formas diferentes, o significado para o mundo (COSGROVE, 2000, p.53).

No século XV, a noção de cultura sofre sua primeira transformação e passa a designar uma capacidade, algo para ser trabalhado e desenvolvido. Esse sentido figurativo passa por uma nova modificação no século XVIII, quando o conceito de cultura apresenta vários usos: seja como cultura das artes, cultura das letras ou cultura das ciências.

Posteriormente, a compreensão de cultura passou a estar ligada à noção de formação, educação, ação de instruir. Essa idéia de cultura começou a criar uma separação conceitual entre "ser natural" e "ser cultural". Ser cultural terá, então, uma conotação positiva, ou seja, irá se referir ao progresso, evolução e razão, ganhando um caráter iluminista. O iluminismo entende que só existirá progresso nas várias esferas da vida humana, quando houver instrução, ou seja, cultura. Somos civilizados quando temos educação que está diretamente ligada à cultura, por isso cultura e civilização são noções muito próximas.

Na Alemanha cultura ou *kultur* e civilização apresentam sentidos diferentes. Enquanto que o primeiro representa a idéia de ganho intelectual, o segundo tem um significado mais superficial, ligado à aparência. Essa diferenciação de compreensão deu-se pelo nacionalismo alemão e a busca por uma cultura nacional e, por isso, pode-se afirmar que o conceito de cultura alemão, surgido no século XVIII, é um conceito étno-racial.

Ainda no século XVIII, considera-se que a idéia de cultura estava ligada à noção de costume e, nesse sentido, a Geografia se utiliza da definição francesa de gênero de vida. Bezzi; Marafon (1992, p. 38-39) afirmam que "O gênero de vida para a Geografia, refere-se ao conjunto de técnicas, hábitos, usos e costumes que permitiam ao homem utilizar os recursos naturais disponíveis".

Nesse contexto, compreende-se que um grupo social é mais desenvolvido por apresentar técnicas mais aprimoradas e, por isso, adapta-se melhor ao meio ambiente. Entende-se, nesse caso, que as ações humanas perante a natureza e suas potencialidades são condicionadas pelas aptidões culturais, ou seja, pela elaboração dos instrumentos utilizados para sobrevivência e transformação do ambiente onde vivem os indivíduos pertencentes a esse grupo social.

Essa compreensão revela a noção de cultura a qual será mais expressiva no século XIX na França, ou seja, a importância da manifestação da alteração humana na paisagem, classificando os povos em civilizados e não civilizados. O elemento utilizado como referência para essa análise é o nível de alteração impressa na paisagem, observado e descrito pelos pesquisadores influenciados, portanto, pela Geografia Clássica.

Dessa forma, o gênero de vida expressa a relação entre homem e técnica, permitindo a classificação dos lugares pelo grau de transformação da paisagem promovida pela ação antrópica.

Assim, cada grupo social vai expressar no espaço geográfico um determinado gênero de vida. No entanto, o gênero de vida não é algo imutável, pois a introdução de um novo elemento numa determinada região cultural, já é suficiente para modificar um velho gênero de vida, para dar a ele um novo dinamismo. Mas o gênero de vida permanece, só que agora com a incorporação de novos elementos, e a eliminação de outros (CHELOTTI, 2008, p. 57).

Na França, o conceito de cultura teve considerável transformação ao longo do século XIX, imprimindo nessa noção maior riqueza. *Cultura* e *civilização* para os franceses tinham significados muito próximos, sendo, muitas vezes, utilizadas como sinônimos. Portanto, a diferenciação entre os dois conceitos imposta pela Alemanha, não era pertinente segundo defendiam os Franceses, pois desconsiderava a cultura humana e valorizava, apenas, a cultura nacional.

A ausência da palavra cultura na Geografia Francesa não desmereceu nesse país no que se refere aos estudos culturais, pelo contrário, a França contribuiu de forma significativa para a Geografia Cultural, inserindo a categoria gênero de vida para compreender a ação do homem na organização do espaço.

A nação francesa entende que pertencem a ela todos os que se reconhecem como franceses e, não apenas, aqueles que nasceram na França. Assim, a cultura pelo olhar francês, criada na Revolução de 1789, é vista como universalista, ou seja, fazem parte de uma mesma cultura, todos os que se consideram inseridos nela, independentemente de suas reais origens culturais. Do século XIX até o início do século XX, a França rejeitou o termo cultura, usando, apenas, o termo civilização, implicando na ausência do conceito científico de cultura.

A partir das primeiras noções de cultura, esse conceito ganhou definição científica a partir da Sociologia e da Etnologia, escolhendo um comportamento de cunho positivo na reflexão sobre o homem e a sociedade. O conceito científico de cultura enfatiza, portanto, a unidade e a diversidade dos grupos existentes, não exaltando as diferenças de raças, uma compreensão ligada, muitas vezes, à Biologia.

Nesta perspectiva, essa idéia se mostra como uma ferramenta de reflexão, evoluindo da noção ligada à Etnologia, ou seja, a pura descrição da cultura (como ela é?) para uma compreensão mais ampla. Seguindo a tradição francesa do século XIX e início do século XX, a cultura passa a significar um elemento de diferenciação e classificação dos grupos culturais do globo. Faz-se presente, portanto, a distinção entre povos naturais e povos culturais, sendo estes últimos, conhecidos, também, como povos civilizados.

Nesse período, essa noção está muito ligada à educação, ou seja, todo o progresso físico, material e socioeconômico de um grupo, se deve ao nível de instrução que os indivíduos pertencentes ao mesmo, receberam. Assim, a educação oferece progresso à humanidade e, com o progresso, há maior alteração do meio natural.

No final do século XIX, essa compreensão torna-se fundamental nas pesquisas culturais em Geografia, pois esse entendimento valoriza a elaboração das técnicas específicas de alteração da natureza como significação equivalente à cultura.

Diz-se, então, que esse período revela o entendimento acerca do conceito de cultura atrelado ao nível técnico dos grupos sociais, salientando a agricultura como atividade de maior expressividade. Essa valorização dos aspectos materiais dos grupos étnicos tornou relevante a análise da paisagem e seus atributos culturais visíveis.

Desde a estruturação da Geografia como ciência, a temática cultural se fez presente tendo na noção francesa de gênero de vida, uma relevante categoria para analisar e explicar a relação entre diversidade cultural e as diferenças físico-naturais na Terra. A França ofereceu, também, uma visão mais completa de cultura, pautada nos aspectos materiais (técnica) e imateriais (costumes) de um povo, considerando, também, a relação do mesmo com o meio ambiente.

Considerando a participação norte americana para o desenvolvimento desse conceito, pode-se enfatizar que os Estados Unidos possibilitaram maior desenvolvimento e aprofundamento para a noção de cultura. Sauer, o representante mais expressivo da Geografia Cultural do referido país, considerava que

[...] o conceito de cultura [...] como uma entidade supra orgânica, com suas próprias leis, pairando sobre os indivíduos, considerados como mensageiros da cultura, sem autonomia. A cultura era, assim, concebida como algo exterior aos indivíduos de um dado grupo social; sua internalização se faz por mecanismo de condicionamento, gerador de hábitos, entendidos como cultura. Segundo Duncan (1980), nesta visão de cultura não havia conflitos, predominando o consenso e a homogeneidade cultural. Nesta perspectiva, os processos de mudança se realizariam a partir de forças externas, por intermédio do processo de difusão de inovações e não em função de contradições (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p. 11).

Evidencia-se, portanto, que a cultura para a Geografia Cultural americana era reconhecida como uma entidade supra-orgânica, externa aos indivíduos, ou seja, era vista segundo uma condição ontológica que desconsiderava a importância da organização social e da condição psicológica da sociedade.

A teoria da cultura enquanto entidade supra-orgânica foi esboçada pelos antropólogos Alfred Kroeber e Robert Lowie durante os primeiros 25 anos do século XX, sendo, posteriormente elaborada por Leslie White. A cultura era vista como uma entidade acima do homem, não redutível às ações dos indivíduos e misteriosamente respondendo a leis próprias. Além disso, foi essa visão de cultura que passou a dominar a geografia cultural. Esta perspectiva foi adotada especificamente por Carl Sauer ao se associar a Kroeber e Lowie em Berkeley nas décadas de 1920 e 1930, sendo posteriormente transmitida para seus alunos (DUNCAN, 2007, p. 64).

O viés supra-orgânico da cultura considera o homem como um ser inativo e, por isso, a coesão entre os indivíduos é motivada por uma força externa a eles. Esse olhar não compreende que a cultura é o resultado dessa interação e não a causa dela.

A reificação da cultura tem sido criticada como mística, um resquício do romantismo idealista alemão do século XIX. Franz Boas, o próprio professor de Kroeber, que acreditava firmemente no empirismo, criticou o supra-orgânico, dizendo que "parece-me desnecessário considerar a cultura como uma entidade mística que existe fora da sociedade, alheia a seus mensageiros individuais e movendo-se por sua própria força". [...] Em suma, o mundo descrito pelos geógrafos culturais é um mundo no qual o indivíduo está em grande parte ausente, onde o consenso prevalece, onde os desvios são ignorados. É um mundo intocado pelos conflitos interculturais.

Assim, a não-intencional consequência da teoria supra-orgânica tem sido desencorajar a investigação de importantes questões relativas à interação social, atribuindo explicações a uma entidade transcendental (DUNCAN, 2007, p. 75 – 78).

Mesmo recebendo muitas críticas, a visão de cultura de Sauer contribuiu significativamente para o pensamento geográfico. A noção de hábito nos estudos culturais foi amplamente divulgada por ele, que compreendia esse conceito como um sinônimo de cultura. O comportamento habitual era, portanto, uma lição cultural ensinada de geração em geração dentro de um grupo social. Duncan (2007, p. 85) destaca, ainda, "Sauer, Wagner e Mikesell, Wagner e Zelinsky definem cultura como um comportamento habitual aprendido e elaboram suas definições em termos muito semelhante".

Com as discussões relativas à impertinência da visão supra-orgânica atrelada à cultura, os geógrafos culturais passaram a entender essa noção como um termo amplo para caracterizar o modo de vida dos grupos sociais. Entender a cultura como um conceito que abarca todos os atributos referentes a um povo serve, apenas, para tratar acerca de culturas mundiais correndo o risco, ainda, de impor estereótipos inconvenientes. (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007).

Na maioria dos países da Europa, no pós 2ª Guerra Mundial, ocorreu a emergência dos *Cultural Studies* como um novo modelo que compreende a cultura em um sentido mais amplo, desatrelada à noção de nação e vinculada às investigações sobre os grupos sociais.

Mesmo que ela permaneça fixada sobre uma dimensão política, a questão central é compreender em que a cultura de um grupo, e inicialmente a das classes populares, funciona como contestação da ordem social ou, contrariamente, como modo de adesão às relações de poder (MATTELART; NEVEU, 2004, p.14).

A influência estadunidense nos estudos culturais promoveu o triunfo dessa temática, seguindo, também, três abordagens teóricas principais: a influência de Franz Boas, a relação entre cultura e personalidade e, em última análise, a relação entre cultura e sistemas de comunicação.

Destacando a herança de Franz Boas (1858 – 1942) e a história da cultura, salienta-se que o geógrafo alemão era judeu e viveu até os primeiros tempos da Segunda Guerra Mundial e, por isso, mostrava-se sensível à questão do racismo. Conciliou a sua formação geográfica com os estudos da Antropologia criando a Etnografia, ou seja, o estudo e a descrição dos povos e dos elementos que fazem parte de suas culturas como a língua e a religião.

Os estudos de Boas pretendiam discutir e levar à reflexão sobre as diferenças culturais dos grupos e não exaltar as diferenças raciais. O autor tentou desconsiderar o conceito de raça, valorizando o conceito de cultura como noção mais adequada para explicar as diferenças entre os povos. Boas não acreditava, também, na existência de diferenças biológicas entre os povos não civilizados (primitivos) e civilizados, dando importância, apenas, para as divergências culturais, adquiridas e não inatas.

Nesse contexto, as investigações desse geógrafo e antropólogo centravam-se na interpretação da distribuição dos elementos culturais no espaço, aprofundando as ferramentas conceituais da Alemanha dando significado às noções de área cultural e traços culturais.

Na década de 1970, a visão contemporânea da cultura começou a emergir por meio de investigações que tratavam das culturas populares. A Escola de Birmingham foi pioneira nessas pesquisas e, em seguida, a França começou a se dedicar a esses estudos com o pesquisador Marc Augé. A partir de 1980 essa temática cultural mais atual, vinculada ao cotidiano das grandes cidades e dos não-lugares ganha atenção, principalmente, de investigadores britânicos. Mattelart; Neveu, (2007 p.14) enfocam que "Os trabalhos se estendem

gradualmente para componentes culturais ligadas ao “gênero”, à “etnicidade”, ao conjunto das práticas de consumo”.

Desse modo, os estudos culturais, ainda pautados na abordagem marxista, foram impulsionados a seguirem novas teorias que pudessem abarcar as mudanças que estavam ocorrendo na sociedade. Os estudos sobre cultura passaram a contemplar temáticas ligadas à subjetividade, consumo, mídia, entre outros. Nesse aspecto, evidencia-se a criticidade do pesquisador em abordar questões ligadas à classe social como elemento definidor das atuais condições de gênero, identidades culturais e etnicidade, entre outros.

[...] Os defensores mais radicais dessas pesquisas reivindicam doravante o estatuto de uma “antidisciplina”. O termo marca a recusa de divisões disciplinares, de especializações, a vontade de combinar as contribuições e os questionamentos advindos de saberes cruzados, a convicção de que a maioria dos desafios do mundo contemporâneo ganham ao ser questionados pelo prisma do cultural (MATTELART; NEVEU, 2007, p.15).

Afirma-se que os principais teóricos fundadores dos estudos culturais foram Hoggart, Williams e Thompson. O primeiro se destacou por ser fundador de seu campo de estudos ao escrever a obra *The Uses of Literacy: Aspects of Working-Class Life with Special References to Publications and Entertainments* ou, em francês, com o título *La culture du pauvre* (“A cultura do pobre”). Como os próprios títulos insinuam, essa obra se refere ao estudo cultural da classe operária, utilizando as ferramentas de comunicação mais modernas. Hoggart expressou sua descrença na cultura industrializada e na valorização da resistência das classes populares.

Raymond Williams (1921 – 1988) e Edward Thompson (1924 – 1993) vinculam seus estudos culturais às relações de poder e à dinâmica da sociedade. Seus trabalhos atrelados ao marxismo que, em 1960, renascem graças à *New Left Review*, fundada por Thompson.

O trabalho de Thompson pode ser descrito como a opção por uma história centrada na vida e nas práticas de resistência das classes populares. Sua obra mais conhecida é *The making of the English Working Class* [1963], clássico da história social e reflexão sobre a sócio-história de um grupo social (MATTELARD; NEVEU, 2004, p.47).

Além desses três autores, destaca-se, também, Stuart Hall que, no limiar dos anos de 1970, se destacou ao integrar outra geração de pensadores da temática cultural, fazendo parte de uma nova esquerda intelectual. Suas produções enfatizam temas como o cotidiano, o movimento punk, os conceitos vinculados ao marxismo, entre outros. Cosgrove; Jackson (2000, p. 24) destacam, ainda, a contribuição do referido autor e de outros pesquisadores atrelados à Geografia social e outras ciências humanas, para o desenvolvimento do conceito de paisagem

Trabalhos desta natureza têm sua motivação em idéias desenvolvidas no campo dos estudos culturais contemporâneos e derivadas, sobretudo, dos estudos de Raymond Williams e John Berger, bem como dos ensaios de Antonio Gramsci. A motivação imediata, por sua vez, está no trabalho desenvolvido por Stuart Hall e seu grupo, no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham [...] Os trabalhos refletem acerca das várias estratégias de resistência desenvolvidas por grupos subordinados para contestar a hegemonia daqueles que detêm o poder. Eles rejeitam aquilo que rotulam de preferências elitistas e antiquadas dos estudos culturais tradicionais, e exploram uma vasta gama de subculturas populares, interpretando seus significados contemporâneos em termos dos contextos materiais específicos (COSGROVE; JACKSON, 2000, p. 24).

De modo geral, as diferentes concepções de cultura que influenciaram diretamente a Geografia, foram primeiramente discutidas na Alemanha e na França, países em que esses debates foram mais expressivos. O embate acerca do significado de cultura e a utilização ou não do termo civilização como sinônimo, possibilitaram grande riqueza teórica para essa questão conceitual.

Convém destacar também que, com a ascensão da Geografia Crítica, alicerçada pela fenomenologia e o marxismo, o conceito de cultura ganhou novo sentido. A Geografia Cultural passou a ter conteúdo humanístico em suas produções, valorizando o ser social e sua vivência no espaço.

[...] "cultura" serve para unir os aspectos fundamentais do ser social: (1) *trabalho*, a interação direta dos seres humanos com a natureza na produção (como "agricultura", "viticultura", "silvicultura"); e (2) *consciência*, as idéias, valores, crenças e ordem moral nas quais os seres humanos se tornaram cientes de si mesmos como sujeitos capazes de transcender a grosseira materialidade da natureza (como "cultura primitiva", "cultura de classes", "contracultura"). A cultura é o termo central do humanismo, incapaz de definição clara como um conceito objetivo, mensurável e compreensível apenas através da prática (COSGROVE, 2007, p.104).

Nesse sentido, a noção de cultura ganhou caráter humano, considerando-a como idéia central para o entendimento do mundo vivido pelos grupos culturais.

Uma geografia marxista deve reconhecer que o mundo vivido, apesar de simbolicamente constituído, é material e não deve negar sua objetividade. O mundo vivido não é mero produto de uma consciência humana irrestrita, mas é precisamente o encontro coletivo de sujeito e objeto, da consciência e do mundo material (COSGROVE, 2007, p. 104).

Mitchell (2000 apud Corrêa; Rosendahl, 2007, p.13) salienta, nessa perspectiva que cultura é o "Conjunto de saberes, técnicas, crenças e valores que, no entanto, é entendido como sendo parte do cotidiano e cunhado no seio das relações de uma sociedade de classes".

A partir da década de 1980, com a renovação da Geografia Cultural, o conceito de cultura passa por uma revisão, motivada pelas críticas da década de 1970. Desse modo, a cultura não é mais compreendida inteiramente, como uma entidade supra-orgânica, mas analisada em partes. Salienta-se, ainda, que essa noção ganha uma compreensão atrelada à consciência dos hábitos, normas e valores, além de ser evidenciada a diversidade e instabilidade dos grupos culturais estudados.

A cultura, em realidade, conforme argumenta Williams (1997) em texto de 1958, diz respeito às coisas correntes, comuns – "culture is ordinary" – apreendidas na vida cotidiana, no seio da família e no ambiente local. Nesse contexto, as idéias, habilidades, linguagem, relações em geral, propósitos e significados comuns a um dado grupo social são elaborados e reelaborados a partir da experiência, contatos e descobertas.[...] Significado adquire o status de palavra-chave nos estudos culturais. [...] A cultura, afirma Williams (1997), é elaborada a partir da criação de significados comuns em um dado grupo social. Nesta perspectiva, na análise da cultura o propósito, trata-se, de se analisar o significado dos saberes, técnicas e crenças de um dado grupo, traduzidos em representações e práticas, as quais dão sentido à vida do grupo (CORRÊA, 2007, p.169-171).

O conceito de cultura acompanhou a renovação da Geografia Cultural, abarcando novos elementos, como os atributos imateriais da cultura e o cotidiano. Corrêa; Rosendahl, (2007, p. 13) afirmam que "A cultura é vista como um reflexo, uma mediação e uma condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada".

A cultura aparece como um conjunto de gestos, práticas, comportamentos, técnicas, *know-how*, conhecimentos, regras, normas e valores herdados dos pais e da vizinhança, e adaptados através da experiência a realidades sempre mutáveis. A cultura é herança e experiência. Ela é também projeção em direção ao futuro. Os outros mundos dos alhures permitem julgar o presente e pensar o futuro: eles dão aos seres humanos o poder de julgar o real, de discernir entre o bem e o mal, de fazer escolhas e tomar decisões conforme as regras morais. Mas cada um constrói, a partir das visões morais que a sociedade lhe oferece, e da sua experiência, horizontes futuros. Graças a esses horizontes, a cultura aparece mais como a força que dá a sua forma ao futuro que como a repetição do passado (CLAVAL, 2007, p. 163).

Nessa perspectiva, ressalta-se, ainda que

Os estudos culturais contemporâneos nos ensinaram a reconhecer, acima de tudo, que as culturas são contestadas politicamente. A visão unitária da Cultura dá lugar à pluralidade de culturas, cada uma com suas especificidades de tempo e lugar. A cultura pode sempre ser representada como uma construção social e politicamente contestada (MIKESELL, 2000, p. 91).

A compreensão acerca da cultura está atualmente vinculada à ação humana na superfície terrestre, enfatizando não apenas os aspectos materiais, mas, também, os imateriais, além de estudar o presente de determinado grupo cultural considerando seu passado e suas interações com outros grupos. Novas escalas de estudo da cultura também passaram a ser consideradas, ou seja, não somente a escala local e regional, mas a escala global como importante dimensão para a compreensão dos fenômenos ligados à cultura, consolidando novas atribuições investigativas para os geógrafos culturais.

[...] um dos desafios essenciais para os geógrafos culturais é buscar o entendimento da relação conflitante entre o mapa político do mundo e os padrões mais complexos de distribuição lingüística e religiosa. Devemos também participar, junto com pesquisadores de várias áreas do conhecimento, do esforço para entender a tensão entre identidade subnacional e filiação nacional, existente na maior parte do mundo. Se somarmos a essas questões inúmeras outras implícitas na relação simbiótica entre pobreza de uma comunidade ou a dívida nacional e a degradação ambiental, teremos um extenso programa (MIKESELL, 2000, p. 91).

Portanto, o interesse da ciência geográfica por essa temática de estudo, evidencia a relevância da cultura como elemento essencial para o entendimento da organização do espaço no campo de estudos da Geografia, ainda que realizada em parcelas diferenciadas do globo, onde as formas de ocupação foram desiguais. Cultura e espaço ou cultura-espaço ocupam posição central nas investigações científicas desenvolvidas, entre outras ciências, pela Geografia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia Cultural, como importante ramo da Geografia Humana, propõe-se a debater questões vinculadas às relações sociais da atualidade relacionando-as diretamente com a noção de cultura atrelada a uma perspectiva crítica. Ou seja, preocupada com questões que envolvem as relações humanas em níveis complexos, como produtos do sistema econômico vigente e das concepções e valores culturais que organizam e reorganizam constantemente a sociedade na contemporaneidade.

Nessa perspectiva, reconhece-se a contribuição de outras ciências, com as quais a Geografia busca dialogar como a Antropologia, a Sociologia e a História, entre outras, as quais oferecem subsídios para a evolução do conceito de cultura, carregando-a de potencial crítico e destituindo-a de seu antigo "status" supra-orgânico.

Pode-se dizer, então, que a temática cultural inserida na ciência geográfica ampliou o potencial de discussão da Geografia, consolidando-a como esfera científica de rico conteúdo teórico-filosófico, vinculada aos acontecimentos atuais, produto da intrincada relação natureza e sociedade.

Neste contexto, afirma-se que a Geografia, privilegiando a abordagem cultural, tem produzido diversos trabalhos ressaltando a estreita relação da cultura como agente produtor da diversidade e das identidades espaciais.

## REFERÊNCIAS

- BEZZI, Meri Lourdes; MARAFON, Glaucio José. **Historiografia da Ciência Geográfica** (Apostila Didática). Universidade Federal de Santa Maria, Departamento de Geociências, Santa Maria, 2005. (Inédito)
- CHELOTTI, Marcelo. Região, Cultura e Gênero de Vida: Leituras "Geográficas" Sobre a Obra Sagarana de João Guimarães Rosa. **Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v. 9, n. 26, jun, p. 53-64, 2006.
- CLAVAL, Paul. A Contribuição Francesa ao Desenvolvimento da Abordagem Cultural na Geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 147-166.
- CORRÊA, Roberto Lobato. A Geografia Cultural e o Urbano. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 167 – 186.
- \_\_\_\_\_.; ROSENDAHL, Zeny. Apresentação: Geografia Cultural: Um Século. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: Um Século** (2). Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2000, p. 9 – 14 (Geografia Cultural).
- \_\_\_\_\_. Geografia Cultural: Introduzindo a Temática, os Textos e uma Agenda. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 9 – 18.
- COSGROVE, Denis. Mundos de Significados: Geografia Cultural e Imaginação. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: Um Século** (2). Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2000, p. 33 – 60 (Geografia Cultural).
- \_\_\_\_\_. Em Direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 103 – 134.

COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: Um Século (2)**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2000, p. 15 – 32 (Geografia Cultural).

\_\_\_\_\_. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 135 – 146.

DUNCAN, James. Após a Guerra Civil: Reconstruindo a Geografia Cultural como Heterotopia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: Um Século (2)**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2000, p. 61 – 84 (Geografia Cultural).

\_\_\_\_\_. O Supra-Orgânico na Geografia Cultural Americana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 63 – 102.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MATTELART, Armand. **Diversidade Cultural e Mundialização**. São Paulo: Parábola, 2005.

MIKESELL, Marvin. Posfácio: Novos Interesses, Problemas não Resolvidos e Tarefas que Persistem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: Um Século (2)**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2000, p. 85 – 112 (Geografia Cultural).

MONDADA, Lorenza; SÖDERSTRÖM, Ola. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2004, p. 133 – 156 (Geografia Cultural).

SAUER, Carl. Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 19 – 26.

WAGNER, Philip; MIKESELL, Marvin. Os Temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 27 – 62 (Geografia Cultural).

Recebido em agosto de 2011

Aceito em dezembro de 2012